

Muniz Sodré
Ana Carolina Rocha Pessôa Temer
Mohammed ElHajji
(Organizadores)

DIÁSPORAS
URBANAS E
SUBJETIVIDADES
MÓVEIS:
Migrantes, viajantes
e transeuntes

Este é o quarto volume da coleção “Rupturas Metodológicas para uma Leitura Crítica da Mídia”, projeto Casadinho – Procad (CNPq) desenvolvido pelos Programas de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás - UFG e a Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. A coleção apresenta as pesquisas realizadas pelos integrantes do grupo e também pesquisadores convidados. A curadoria é de responsabilidade das professoras Raquel Paiva e Simone Antoniaci Tuzzo.

Título:
Diásporas urbanas e subjetividades móveis:
Migrantes, viajantes e transeuntes.

Capa
André Roberto

Projeto Gráfico e Diagramação
André Roberto e Cegraf/UFG

Preparação dos Originais
Ana Carolina Rocha Pessôa Temer
Moha Haji

Revisão
Bruna Vanessa

1ª Edição

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610/98
(Inserir ficha catalográfica)

CONSELHO EDITORIAL

Ana Carolina Rocha Pessoa Temer
Universidade Federal de Goiás, Faculdade de
Comunicação e Biblioteconomia (FIC)

Claudemilson Fernandes Braga
Universidade Federal de Goiás (UFG),
Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia
(FIC)

Daniel Christino
Universidade Federal de Goiás (UFG),
Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia
(FIC)

Goiamérico Felício dos Santos
Universidade Federal de Goiás (UFG),
Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia
(FIC)

João de Melo Maricato
Universidade Federal de Goiás (UFG),
Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia
(FIC)

Lisandro Nogueira
Universidade Federal de Goiás (UFG),
Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia
(FIC)

Luiz Antonio Signates Freitas
Universidade Federal de Goiás (UFG),
Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia
(FIC)

Magno Luiz
Universidade Federal de Goiás (UFG),
Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia
(FIC)

Maria Francisca Nogueira
Universidade Federal de Goiás (UFG),
Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia
(FIC)

Maria Luisa Mendonça
Universidade Federal de Goiás (UFG),
Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia
(FIC)

Simone Antoniaci Tuzzo
Universidade Federal de Goiás (UFG),
Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia
(FIC)

Suely Gomes

Universidade Federal de Goiás (UFG),
Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia
(FIC)

Tiago Mainieri de Oliveira
Universidade Federal de Goiás (UFG),
Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia
(FIC)

CONSULTORES CIENTÍFICOS

Ana Valéria Machado Mendonça
Universidade de Brasília (UNB)

Antonio Fausto Neto
Universidade do Vale do Rio dos Sinos –
(Unisinos)

Eduardo Granja Coutinho
Universidade Federal do Rio de Janeiro
(UFRJ)

Jairo Ferreira
Universidade do Vale do Rio dos Sinos
(Unisinos)

José Wagner Ribeiro
Universidade Federal do Alagoas (UFAL)

José Luiz Braga
Universidade do Vale do Rio
dos Sinos (Unisinos)

Maria Aparecida Baccega
Escola Superior de Propaganda e Marketing
(ESPM)

Profa Marcia Perencin Tondato
Escola Superior de Propaganda e Marketing
(ESPM)

Muniz Sodré de Araújo Cabral
Universidade Federal do Rio de Janeiro
(UFRJ)

Pe. Pedro Gomes
Universidade do Vale do Rio dos Sinos –(Uni-
sinos)

Raquel Paiva de Araújo Soares
Universidade Federal do Rio de Janeiro
(UFRJ)

Introdução

Este é o quarto volume da coleção “Rupturas Metodológicas para uma Leitura Crítica da Mídia”, projeto Casadinho Procad, desenvolvido pelos Programas de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal e Goiás – UFG e Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ que teve início em 2012 e que representa a certeza de que as sólidas parcerias são fundamentais para o progresso das pesquisas, do conhecimento, da ciência.

Muito mais do que um avanço na produção que integra este projeto, este livro é a comprovação do quanto esta parceria tem rendido frutos, em termos de publicações, de participação em eventos nacionais e internacionais onde vários resultados de pesquisas estão sendo apresentados, além do intercâmbio de pesquisadores e estudantes e dos trabalhos gerados a partir do Laboratório de Leitura Crítica da Mídia que está geograficamente localizado na UFG, mas que também se estende para as descobertas de cada integrante.

Os livros 1 e 2 desta coleção, a exemplo também deste livro 4 trazem a coletânea de trabalhos dos pesquisadores diretamente envolvidos no projeto, mas também de pesquisadores que se somam a este esforço de dinamizar os estudos críticos da comunicação. O livro 3 de autoria da Professora Ana Carolina Rocha Pessôa Temer, fruto de seu estágio Pós-Doutoral é também a marca que este projeto tem deixado ao longo de seu desenvolvimento, ou seja, o aprendizado dos professores do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFG com os seus orientandos, pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRJ.

Nesses livros também podem ser encontrados resultados de discussões realizadas nos âmbitos das disciplinas pensadas estrategicamente para incentivar as pesquisas nesta linha temática e assim, permitir que mais estudantes se integrem nessas descobertas.

Além disso, os livros já editados contemplam eventos comuns entre os programas e textos de convidados nacionais e internacionais que se juntam para pensar crítica e cientificamente acerca do tema.

Para este quarto volume da coleção, mais um volume que também reúne textos de pesquisadores e alunos integrantes do projeto e

também pesquisadores convidados que enriquecem o projeto, o tema *diásporas urbanas* é por si mais um avanço, pois apresenta a necessidade de todos os pesquisadores estarem atentos às novas dinâmicas sociais, absolutamente pertinentes à relação entre as migrações e à mídia, sobretudo ao pensarmos também em uma ‘webdiáspora’ criada a partir das tecnologias de comunicação e informação.

A diversidade de temas que esta coleção tem apresentado até aqui marca as múltiplas possibilidades de um olhar multifacetado para o mesmo objeto, para o mesmo tema, para a necessidade de pensamento crítico sobre os meios de comunicação de massa, assunto tão precioso para todos que compõem este projeto.

Outros livros desta coleção já estão sendo preparados, todos com a mesma inquietação enérgica das obras até aqui expostas, na esperança que os leitores/pesquisadores possam encontrar nessas pesquisas as respostas para as novas dúvidas que a sociedade em mutação sempre apresenta, mas que mais do que isso, que os livros dessa coleção possam servir de incentivo para que novas pesquisas nesta área afluam.

Simone Antoniaci Tuzzo

Professora do PPGCOM - FIC/UFG

Coordenadora Geral do Projeto Casadinho – Procad UFG/UFR-

J(CNPq)

Apresentação

Apesar da diversidade temática, esta coletânea é atravessada pela tônica da diáspora, entendida como transumância ou dispersão humana no planeta com todas as suas particulares facetas de inclusão e exclusão, o que levanta a questão de novas subjetividades. A noção de diáspora não enfeixa exclusivamente a dispersão judaica, já que há muito tempo é igualmente aplicada por pesquisadores à migração forçada dos africanos para as Américas em séculos anteriores.

Mas a rígida separação entre um “dentro” e um “fora” sociais sempre lhe foi inerente.

Agora, entretanto, emergem visões novas constantes deste volume, que encontram na diáspora “uma identidade coletiva não limitada a um contexto pós-colonial, mas que pode emergir de toda situação de dispersão da população migrante pelo mundo e no interior do próprio país de imigração. Sua tessitura comporta uma multiplicidade de identificações, vínculos e cruzamentos culturais e não apenas a polarização entre identidades nacionais homogêneas dos países de origem e de migração” (Denise Cogo).

Esta me parece ser de fato a visada teórica dos organizadores Mohammed ElHajji e Ana Carolina Temer, que acompanha a tradição socioantropológica da análise daquilo que constitui o interior e o exterior de um grupo determinado. A sociologia norte-americana, por exemplo, sempre se debruçou sobre o que convencionou chamar de “*in-and out-group*”, ou seja, a avaliação da permeabilidade de imigrantes a elementos novos em sua trajetória existencial.

Assim, o termo “subjetividade” cola-se de algum modo a “identidade”, na medida em que o pertencimento ao interior de um grupo social (o *in*) pode ser tomado como a unidade de base que define a sua identidade. Um imigrante da Coreia, por exemplo, exibirá uma subjetividade “coreana” antes de qualquer outra ensejada por mecanismos de identificação novos, como carteira de trabalho, integração na comunidade local etc. Neste caso, o grupo de pertencimento predomina sobre o grupo de referência apontado pelas novas pressões de socialização.

Mas isso não é um fenômeno definitivo ou fatal: Há situações em que a subjetividade –ou a “identidade individual” – pode ser construída

por meio de substituições da identidade social. São subjetividades “móveis”. A elas se refere implicitamente o antropólogo José Magnani, citado neste volume, como “imersas em processos transnacionais descentrados nos quais, para uma determinadas visão, já mencionada, parece ter-se perdido qualquer vínculo com referências territoriais significativas e nos quais a dinâmica se dá no terreno da virtualidade e do ‘não-lugar’.

Em princípio, esse “não-lugar” tecnológico ofereceria brechas para o combate à discriminação ou ao racismo. Paul Gilroy, por exemplo, sustenta que “aspectos de ‘raça’, como tem sido entendida no passado, já estão conjurados pelas novas tecnologias do *self* e da espécie humana(...) As velhas e modernas economias representacionais, que reproduziram a “raça” subdermica e epidermicamente, estão sendo hoje transformadas de um lado pelas mudanças científicas e tecnológicas que se seguiram à revolução na biologia molecular, e de outro por uma transformação igualmente profunda nos modos como os corpos são postos em imagem”.

O que a realidade mostra, entretanto, é que a perda de vínculos não prejudica a cooptação migratória de indivíduos, embora a ilusão civilizatória do grupo hegemônico fique preservada. É como se o sujeito da hegemonia dissesse: esse Outro está entre nós, mas não é um de nós. Nos Estados Unidos, o impasse resolveu-se no passado em separatismo, a partir de uma linha de diferença sanguínea estabelecida pelo sistema chamado *Jim Crow*: o Outro não é “um de nós”, mas é alguma coisa — negro, hispano, etc. — a ser apenas mantida à distância. Em soluções nacionais mais transigentes (caso do Brasil, onde o separatismo não entrou no ajuste civilizatório), proclama-se a proximidade do Outro, mas sem realmente deixá-lo ser enquanto tal, reconhecê-lo como singular, como um qualquer, dotado de fala própria.

Se é verdade que a dinâmica das tecnologias eletrônicas pode ser vista como um eixo de fragmentação a mais na sociedade contemporânea, como sustenta um dos autores da coletânea, também é certo que a virtualidade — a mídia eletrônica basicamente, da televisão à *web* — dá lugar a isso que os organizadores do volume denominam de “subjetividades móveis”, isto é, novas operações de identificação social.

A nova mídia enseja uma individuação conformada por padrões (coletivos) de subjetividade, operacionalmente afins à nova estrutura do capital. E por meio dessa estrutura profunda de sentido, em que se interpenetram elementos econômicos, políticos, culturais e a própria

vida humana em sua nua substância biológica — em termos da Grécia clássica, a vida como *zoé*, isto é, natural ou animal, e não apenas como *bios*, socialmente organizada. saber da experiência, o discernimento, a capacidade de coordenação, de auto-organização e de comunicação. Em poucas palavras, formas de um saber vivo adquirido no trânsito cotidiano, que pertencem à cultura do cotidiano”.

Nisso apostam Mohammed Elhajji e Camila Escudero, ao sustentarem que “a análise empírica mais primária não deixa dúvida quanto à presença expressiva, na web, de comunidades diaspóricas de caráter étnico, cultural, nacional e/ou confessional. São inúmeros sites, blogs, revistas eletrônicas, grupos, comunidades e páginas nas redes sociais, elaborados, mantidos e frequentados, exclusiva ou predominantemente, por membros dessas comunidades. A esta presença maciça nos referimos como ‘webdiáspora”.

Como se pode inferir, os textos desta coletânea implicam um mergulho proveitoso na riqueza conceitual da diáspora. A eles vale a pena dispensar uma leitura atenta.

Muniz Sodré

Professor do Programa em Comunicação da ECO-UFRJ

Sumário

Diásporas Urbanas

Mohammed ElHajji e Camila Escudero 19
Webdiáspora: Migrações, TICs e memória coletiva

Simone Antoniaci Tuzzo 45
O Brasil Pelos Brasileiros Que Moram em Portugal: Imagem Real ou
Produção Ficcional?

Migrantes, Viajantes e Transeuntes

Ana Carolina Rocha Pessôa Temer 79
Da Favela Para o Asfalto: o Telejornalismo Como Lugar de Redefinições
dos Espaços Urbanos

Marli dos Santos 111
Anjos e Demônios no “Pedaço” da Cracolândia

Danubia de Andrade Fernandes 127
O Lugar Do Migrante: Um Estudo Sobre Ambivalência, Minoria e Racismo

Subjetividades Móveis

Denise Cogo e Liliane Dutra Brignol 151
Reposicionando o Nacionalismo Metodológico: Migrações, Transna-
cionalismo e as Pesquisas em Consumo e Recepção

Pedro Russi e Delia Dutra 173
A Cidade e os Migrantes: Reflexões Metodológicas

Tiago Mainieri 199
Sociedade da (in) comunicação – das cartas de Junios às cartas de Julian
Assange



DIÁSPORAS URBANAS



Simone Antoniaci Tuzzo

**O BRASIL PELOS
BRASILEIROS QUE
MORAM EM PORTUGAL:
IMAGEM REAL OU
PRODUÇÃO FICCIONAL?**

Simone Tuzzo é Professora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás PPGCOM – UFG, Pós-Doutoranda e Doutora em Comunicação pela UFRJ, Mestre e Graduada em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo. Responsável pelo Projeto Casadinho/Procad Rupturas Metodológicas para uma Leitura Crítica da Mídia - UFG-UFRJ. E-mail: simonetuzzo@hotmail.com

O Brasil Pelos Brasileiros Que Moram em Portugal: Imagem Real ou Produção Ficcional?

Simone Antoniaci Tuzzo

A Representação do Brasil Pela Televisão

Vivemos em uma época em que as barreiras geográficas foram modificadas. A condição da imigração é real, mas é também simbólica a partir da mídia. O imigrante hoje não vem por completo. No início do século passado, com o forte processo migratório ocasionado pela necessidade de mão de obra agrícola e, posteriormente, pelas dificuldades ocasionadas pelas duas grandes guerras mundiais, o japonês, o português, o espanhol ou o italiano vinham para o Brasil e Japão, Portugal, Espanha ou Itália ficavam para trás, mas agora o imigrante se desloca e o seu país de origem continua sendo para ele uma realidade porque ele tem a mídia a colocá-lo em contato com os fatos geograficamente distantes.

Tecnologias como a televisão e a Internet aproximam as pessoas que saem de suas nações com informações que os fazem continuarem presentes no cotidiano, acompanharem as mudanças, as transformações e as rotinas diárias. Pertencer não é mais um ato de estar presente, mas de se sentir próximo, de manter a mente e o coração ligados a um passado que não se separa e que continua a influenciar e a causar impacto na nova vida.

Neste sentido, podemos pensar até que ponto a televisão é capaz de criar uma imagem do Brasil para aqueles que moram fora do país e que o veem pelo olhar do outro, da informação interpretada. Saber se para o brasileiro geograficamente distante as imagens e informações exibidas pela mídia representam a realidade ou recriam uma realidade para quem está fora, sob outra perspectiva não participativa do dia a dia, distante do cotidiano. Se esta imagem é criada, ela apresenta o Brasil melhor ou pior do que ele é de fato, ou seja, os **programas de televisão valorizam ou denigrem a imagem do Brasil?**

Diante dessas inquietações, este trabalho tem como objetivo verificar a imagem do Brasil pelos brasileiros que moram em Portugal com base em notícias veiculadas pela mídia, em especial, a televisão.

Firmada em duas linhas principais de análise, sendo uma descritiva, fundamentada em dados bibliográficos e estatísticos e outra com pesquisas empíricas a partir de entrevistas e questionários.

A partir do advento da internet e das redes sociais a mídia tradicional como a televisão, por exemplo, deixou de ser a única forma de receber informações sobre o Brasil para os brasileiros que moram em outros países, contudo, a televisão continua a exercer uma influência sobre o que os brasileiros pensam sobre o Brasil. A confiabilidade reportada à TV ainda possui um poder simbólico sobre os receptores além do veiculado pela internet. Para Braga e Campos (2011, p. 67) “como o discurso da mídia é apreendido pelo senso comum como um discurso de autoridade, de quem sabe mais para quem sabe menos, ele conta com um elevado grau de credibilidade”.

A ideia é que os atos comunicativos gerados pela televisão geram representações dos brasileiros que moram no Brasil para os brasileiros que moram em outros países, no caso Portugal. É claro que essa representação apresentada na TV também tem um impacto na criação da imagem do Brasil para todos os receptores dos programas e emissoras, incluindo os próprios portugueses, mas aqui estudaremos a construção de imagem do Brasil pelos brasileiros.

Diásporas Urbanas: Migrantes, Viajantes e Transeuntes.

Em Portugal os brasileiros são encontrados sob as mais diversas condições, ou seja, são viajantes¹ (turistas ou visitantes), transeuntes² e migrantes³, fruto de uma diáspora urbana⁴. Os portugueses costumam chamar os brasileiros de irmãos quando identificam as semelhanças entre

¹ Segundo o IRTS (2008), o viajante é alguém que se move entre diferentes localizações geográficas, para qualquer finalidade e qualquer duração e pode ser subdividido em duas categorias, visitante, se não houver pernoite, ou turista, se a viagem inclui pelo menos um pernoite.

² Transeuntes, do latim: *transeuns.untis*, são aqueles que não deixam rastro, pessoas que estão de passagem, de caráter passageiro, transitório.

³ Migrante, do latim: *migrans.antis*, é o sujeito que migra, mudando de local, podendo ser um Estado ou um País.

⁴ Diáspora é um termo de origem grega que significa dispersão dos povos, a princípio por motivos políticos ou religiosos, e depois também por questões sociais e comerciais, e serve para descrever qualquer comunidade étnica ou religiosa que vive fora do seu lugar de origem.

as culturas⁵, e textualmente é fácil encontrar pelas ruas portuguesas afirmando “é claro que agimos da mesma forma, somos todos irmãos, não é mesmo?”, mas as palavras de aproximação e acolhimento são também lidas ao contrário quando os brasileiros não condizem com os hábitos e costumes dos portugueses que rapidamente informam “Esse aí é brasileiro!”, como se a nacionalidade justificasse o ato digno de repressão.

A relação Brasil – Portugal tem início em 1500, mas na verdade as migrações sempre existiram. O que muda na atualidade é a direção dos fluxos. Quase 500 anos depois do descobrimento, colonizador e colonizado começam a vivenciar situações opostas. A partir dos anos 80 do século passado o Brasil passa a experimentar uma realidade inversa da até então existente, ou seja, um país acostumado a receber imigrantes de várias partes do mundo em épocas e com objetivos distintos viu surgir a diáspora brasileira com um considerável crescimento da remessa de brasileiros para vários países. Barreto (2009) afirma que:

Nos anos 80, tendo havido uma reversão das expectativas da juventude brasileira quanto às suas possibilidades de absorção pelo mercado de trabalho nacional, iniciaram-se movimentos emigratórios dirigidos não apenas a alguns países vizinhos, especialmente o Paraguai, mas também aos países desenvolvidos, como os EUA, a União Europeia e o Japão. Desde então a Diáspora Brasileira cresceu de tal maneira que em 2008, antes da crise, estimava-se que esse contingente oscilasse entre 3 e 4 milhões de pessoas. Entre os elementos positivos desse processo, poderíamos mencionar um vertiginoso crescimento das remessas (teriam ultrapassado os US\$ 7 bilhões em 2008). (BARRETO, 2009, p. 264)

⁵ Neste contexto, Cultura está firmada em Stuart Hall (1997): um conjunto de significados partilhados que permitem às pessoas perceberem-se e comunicarem-se. Ao mesmo tempo é usado para destacar o que é diferente sobre as experiências de vida de uns sujeitos, comunidade, país ou grupo social. Mas também pode descrever os valores comuns de um grupo ou da sociedade, mostrando assim uma definição antropológica, com maior ênfase sociológica, destacando o papel crucial do domínio simbólico, no coração da vida social. Para Hall a cultura está preocupada com a produção e troca de significações entre os membros de uma sociedade ou grupo e depende dos seus participantes, que interpretam de forma significativa o que se vai realizando em seu redor, e assim dando sentido ao mundo.

Cruzando o Atlântico, temos a realidade portuguesa. Segundo dados do SEF – Relatórios Estatísticos Anuais do Serviço de Estrangeiros e Fronteira – (2011, p. 15), Portugal caracteriza-se por três fases com relação ao número de estrangeiros que adotaram o país para residência. A primeira fase tem início na década de 80, pois após a revolução de 25 de abril de 1974⁶ e a independência dos atuais países africanos de língua portuguesa, constata-se um aumento no número de estrangeiros nunca antes visto por Portugal. Importante destacar que a entrada de Portugal na Comunidade Comum Europeia em 1986 coloca a economia em desenvolvimento, força uma reestruturação do mercado de trabalho e cria a necessidade de mão de obra específica para vários setores. A segunda fase, nos anos 90 marca a consolidação e o crescimento da população estrangeira que entra em Portugal, com destaque para as comunidades dos países da África e do Brasil. E a terceira fase, marcada a partir do século XXI com novos fluxos do leste europeu.

Portugal caracterizado por fomentar uma corrente migratória para fora da Europa e que hoje mantém uma importante diáspora nos cinco continentes do planeta se caracteriza hoje como destino recente, intensificando, por essa via, uma miscigenação de alma e de cultura que caracteriza o ser português há 500 anos, com a singularidade de promovê-la agora no próprio território do Portugal europeu, com toda a corte de novos desafios que acarreta. (CARNEIRO, 2009, p. 9)

Portugal, assim, experimenta uma colonização às avessas e abriga os brasileiros que a partir de 2007 passam a liderar o seu contingente de imigrantes. Sobre isso, o Instituto Nacional de Estatísticas de Portugal (2007, p. 21) divulgou que:

⁶ A Revolução de 25 de abril de 1974 foi o movimento que derrubou o regime salazarista em Portugal de forma a estabelecer as liberdades democráticas promovendo transformações sociais no país que vivia uma ditadura militar imposta por Antônio de Oliveira Salazar que tornou-se primeiro-ministro das finanças e virtual ditador após um golpe militar.

Pela primeira vez, desde que o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras possui registro de dados sobre população estrangeira em Portugal, a nacionalidade brasileira passa a ser a mais representativa, em detrimento da cabo-verdiana. Este fenómeno vinha, no entanto, a desenhar-se desde o início do presente século, através de um crescimento forte e contínuo da comunidade brasileira em face de um crescimento sustentado da comunidade cabo-verdiana. Por outro lado, não devem ser ignorados outros fatores exógenos, a montante, nomeadamente os que se prendem com a realidade e evolução registadas naqueles dois países. Em termos de caracterização destes fluxos, de forma sintética, poderá dizer-se que a imigração cabo-verdiana é de carácter residual, ocorrendo eminentemente ao abrigo do reagrupamento familiar e para estudos, enquanto que a imigração brasileira é essencialmente laboral, sem prejuízo dos efeitos de reunião familiar a ela associada.

A vinda de um grupo muito grande de estrangeiros sempre causa um determinado impacto no país que o abriga. No caso da chegada dos brasileiros, os portugueses sentiram uma forte influência da música, da culinária, da religião (o Brasil passa a expandir a construção de igrejas evangélicas em outros países, em especial a Igreja Universal do Reino de Deus), das roupas e acessórios, e da mídia. Barreto (2009, p. 265) lembra-nos que “a internacionalização da Rede Globo de Televisão com a exportação das telenovelas e a Rede Record de televisão, além de alavancarem novos negócios constituíram-se também em um estímulo e preservação da identidade cultural dos brasileiros que residem no exterior”. Até a língua passa por seus ajustes. No Brasil falamos a língua portuguesa, mas em Portugal os brasileiros são identificados como as pessoas que falam ‘brasileiro’, em parte pelo sotaque, mas muito mais pelas conjugações verbais, construções de frases e pelo significado das palavras que são bastante diferentes em vários casos. Paralelamente aos aspectos positivos da chegada de um grande grupo de imigrantes, também são detectados contratempos.

Segundo Barreto (2009, p. 9), em Portugal “multiplicam-se os problemas de toda ordem envolvendo os brasileiros e nos locais de maior concentração, muitos começaram a queixar-se de discriminação

e alguns de estigmas que começaram a ser criados envolvendo a imagem dos brasileiros, homens e mulheres”.

Nos Relatórios Estatísticos Anuais do Serviço de Estrangeiros e Fronteira – SEF de Portugal (2011) assinala-se o predomínio da criminalidade relacionada com o uso de documento falso/falsificado, casamento de conveniência e auxílio à imigração ilegal, praticado por membros da comunidade de brasileiros em Portugal. O relatório de 2011 aponta o Brasil como o principal País estrangeiro neste ranking.

Mas Portugal preserva a fama de um país afável, manifestando o acolhimento em distintas ações de recepção aos imigrantes. A Universidade de Aveiro, por exemplo, ofertou durante anos a partir da década de 80 o curso de Verão ‘*Lusitanis in Diáspora*’ com ênfase ao ensino da língua e da cultura portuguesa.

Para que se tenha uma ideia do impacto desse enorme grupo de pessoas, abaixo uma tabela demonstrativa do número de estrangeiros residentes em Portugal e do quantitativo de brasileiros neste universo de imigrantes.

TABELA 1 – População estrangeira residente em Portugal e o quantitativo de brasileiros, referente à última década, construído com base nos dados divulgados anualmente pelos relatórios de atividades do Serviço de Estrangeiros e Fronteira de Portugal.

Ano	Estrangeiros residentes em Portugal	Brasileiros residentes em Portugal	Percentual de brasileiros em relação ao número total de imigrantes
2004	447.155	28.956	6,4 %
2005	414.659	31.546	7,6 %
2006	420.189	65.463	15,5 %
2007 ¹⁰	435.736	66.354	15,2 %
2008	440.277	106.961	24,2 %
2009	454.191	116.220	25,5 %

(continua)

⁷ O Brasil assume em 2007 o primeiro lugar em número de estrangeiros residentes em Portugal. Posição mantida até hoje.

Ano	Estrangeiros residentes em Portugal	Brasileiros residentes em Portugal	Percentual de brasileiros em relação ao número total de imigrantes
2010	445.262	119.363	26,8 %
2011	436.822	111.445	25,5 %
2012	417.042	105.622	25,3 %
2013	401.320	92.120	22,9 %

Como pode ser verificado acima, a realidade de crescimento do número de brasileiros em Portugal tem mudado. Com uma taxa de desemprego que chegou em 2013 a quase 18% — a mais alta da história de Portugal — e que em 2014 apresenta a quinta taxa mais elevada da União Europeia com um índice de 14%, o país vive a pior situação econômica das últimas décadas, convivendo com a sua economia em recessão durante os três últimos anos (2011, 2012 e 2013). Ainda segundo o SEF, a diminuição do investimento e dos postos de trabalho por causa da crise e a alteração dos processos migratórios em países como Brasil e Angola — cujas economias se encontram em crescimento — explicam a contração da população imigrante em solo luso. Conforme Almeida (2014), o presidente da Comissão Europeia (CE), José Manuel Durão Barroso, afirmou em setembro de 2014 que um dos maiores problemas da União Europeia (UE) é o desemprego.

Dados divulgados em 2013 mostram que o número de imigrantes que vivem em Portugal voltou a diminuir em 2012 pelo terceiro ano consecutivo quando caiu 4,5%, a segunda maior queda em três décadas — o grupo que mais deixou o país europeu foi o de brasileiros. Como principais fatores explicativos concorrem a aquisição da nacionalidade portuguesa, a alteração de fluxos migratórios e o impacto da atual crise econômica no mercado laboral.

Contudo, o número de brasileiros imigrantes ainda é expressivo. Em matéria divulgada no dia 23 de outubro de 2014, pelo **Jornal Destak** de Lisboa, os brasileiros estão entre as dez nacionalidades de fora da União Europeia – UE, que em 2013 mais receberam autorizações de residências para viver na nesta região. O jornal afirma ainda que Portugal é o segundo País mais procurado pelos cidadãos brasileiros, logo

após o Reino Unido. Dos 55.020 brasileiros que receberam autorização para viver na UE em 2013, 8.023 migraram para Portugal. Porém, os números de vistos para trabalho são menores do que os verificados em 2008, tendo aumentado o número de vistos por razões familiares.

O Brasil ainda mantém-se como a principal comunidade estrangeira residente em Portugal. Curiosamente, a China em 2013 passou a ser a sexta mais relevante (18.637 pessoas), com um crescimento de 6,8%. No caso da diáspora chinesa, é possível constatar que os chineses se espalham pelo mundo principalmente por motivos comerciais. Eles se adaptam e constroem negócios em vários países (Relatório de Imigração Fronteiras e Asilo 2013, p. 10).

Delimitando os Caminhos de Busca

Com o objetivo de identificar a imagem que os brasileiros que residem em Portugal possuem do Brasil, com ênfase nas informações apresentadas pela mídia, foi realizado uma coleta de dados com três momentos distintos que se complementam.

A primeira pesquisa de natureza qualitativa e quantitativa, portanto multimodal, teve como instrumento de coleta um questionário com questões abertas e fechadas, sendo as últimas do tipo múltipla escolha e foi aplicado de forma eletrônica através da internet.

A segunda coleta classificada como qualitativa foi realizada através da técnica de coleta entrevista. Com o roteiro semiestruturado a pesquisa foi realizada com brasileiros residentes em Portugal de modo presencial.

O terceiro momento da coleta aqui classificado com documental bibliográfico, também tipificada como qualitativa, buscou identificar informações, sobretudo de caráter estatísticos dos brasileiros residentes em Portugal.

Em todos os momentos do trabalho a pergunta central era: qual a **imagem do Brasil pelos brasileiros que moram em Portugal?**

A pesquisa está fundamentada na sua essência por um caráter social, “quando visa melhorar a compreensão de ordem, de grupos, de instituições sociais e éticas” (LAKATOS; MARCONI, 1986, p. 20); também fundamenta-se pelo seu caráter qualitativo, onde, “a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica de um grupo pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social” (GOLDENBERG, 2009, p. 14) e de campo ou empírica visto que é utilizada para conseguir informações e/ou conhecimento “acerca

de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre elas” (LAKATOS; MARCONI, 1986, p. 64).

Com relação ao processo amostral a primeira coleta é classificada como qualitativa do tipo exploratória, tendo sua amostra classificada como aleatória simples (MALHOTRA, 2006) cuja composição compreendeu 86 brasileiros residentes em Portugal a mais de cinco anos. Todas as respostas de brasileiros com tempo de residência menor que cinco anos foram descartadas no processo de depuração de dados no ato da análise.

Com relação ao instrumento de coleta foi utilizado um questionário (apêndice 1), com 14 questões fechadas e respostas de múltipla escolha, mas que também contemplava um espaço para comentários. Esse questionário foi publicado na página do facebook Brasileiros que moram em Portugal⁸, que possui 2.118 seguidores⁹, durante o período de 01 a 30 de junho de 2014.

A segunda coleta realizada no período de 01 a 30 de junho de 2014, também caracterizada como qualitativa do tipo exploratória, cuja amostra foi classificada como aleatória por conveniência (MALHOTRA, 2006), foi aplicada há 10 sujeitos que moram em Portugal a mais de 05 anos e que nunca retornaram ao Brasil, nem para turismo. Esse critério foi determinado para se garantir o tempo de desligamento físico que os entrevistados possuíam do Brasil e, contudo, ter informações do país somente por fontes externas à sua observação *in loco*. Essas entrevistas foram realizadas na Cidade de Lisboa, com foco nas comunidades de brasileiros que frequentam bares e restaurantes do local, tendo sido cinco homens e cinco mulheres participantes. As entrevistas tiveram o mesmo roteiro da pesquisa aplicada pela internet via plataforma facebook como base para condução das perguntas. Por tratar-se de uma técnica qualitativa que permite adaptar o roteiro previamente estabelecido a partir do desenvolvimento da conversa e do diálogo estabelecido pelo entrevistador/entrevistado, o questionário composto por perguntas semiabertas foi adequado a cada um dos respondentes da pesquisa. A metodologia contemplou a realização de entrevistas que convidavam os

⁸ Página do Facebook – Brasileiros que moram em Portugal. <<https://www.facebook.com/brasileiros.portugal>>

⁹ Número divulgado no dia 17 de setembro de 2014.

entrevistados a pensar sobre as suas próprias construções identitárias, utilizando-se de uma retórica discursiva para defender os seus pontos de vista. Para Walker (1985) e Góis (2011), a entrevista se baseia numa conversa entre o pesquisador e o entrevistado, na qual o primeiro encoraja o segundo a dizer com suas próprias palavras as suas experiências, atitudes e sentimentos inerentes ao objeto que se está investigando.

O método subjetivo (qualitativo) é indicado em casos onde se pretende obter um resultado mensurável, com interpretações, reflexões e explicações. Para Triviños (1987) a entrevista semiestruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa, que neste caso trata-se da pergunta central: Qual a imagem do Brasil pelos brasileiros que moram em Portugal? Os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes. O foco principal seria colocado pelo investigador-entrevistador. A entrevista semiestruturada “... favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade...” (TRIVIÑOS, 1987, p. 152), além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações.

Sobre o universo de entrevistados, o trabalho se fundamenta em Lakatos e Marconi (1986), quando afirmam que em alguns casos, considerações de diversas ordens impedem a escolha de uma amostra probabilística, ficando a cargo do pesquisador a tentativa de buscar uma amostra representativa. Uma das formas é a procura de um subgrupo que seja típico, em relação à população como um todo. Esta foi a forma adotada nesta investigação.

Como sustentação aos dados empíricos foi realizada a terceira coleta de caráter bibliográfico e estatístico sobre os estrangeiros que residem em Portugal, a partir de relatórios elaborados pelo governo português e dados inerentes ao tema pesquisado divulgados na mídia impressa e eletrônica.

Tanto para a coleta eletrônica (multimodal) quanto para as entrevistas semiestruturadas foi possível trabalhar a natureza interpretativa do objeto. É sempre muito importante deixar claro para os participantes a natureza do estudo e seus objetivos. Alguns autores chamam o processo de “consentimento informado”, como Fontana e Frey (1994, p. 372), que afirmam que o consentimento informado é o consentimento obtido do sujeito, depois de este ter sido devida e verdadeiramente informado

sobre o estudo, garantido o seu direito à privacidade (proteger a identidade do sujeito), e protecção do dano (físico, emocional, ou de outro tipo). E essa foi a preocupação que pautou as pesquisas deste trabalho.

Soma-se a isso um olhar para os estudos das representações sociais a partir dos trabalhos de Braga e Campos (2011) que afirmam que as representações sociais apresentam-se como eficazes para analisar as questões que envolvem fenômenos sociais complexos. Góis (2011), sobre o ajustamento dos imigrantes às sociedades de destino, o relacionamento com os grupos de pertença, com o modo como nos apresentamos a nós próprios e ao mundo social e com o nosso próprio sentido subjetivo de percebermos o modo de sermos quem somos. Também na visão de Góis (2011), é, sobretudo, o papel desempenhado pelas comunidades de migrantes e/ou por comunidades étnicas na diáspora, que constitui o elemento distintivo da contemporaneidade.

Ainda para Braga e Campos (2011), baseados em autores como Moscovici e Jodelet, a teoria das representações sociais que estudam os processos psicossociológicos existentes e subjacentes ao modo como a psicanálise foi transformada em conhecimento do senso comum, podendo ser compreendida como categorias de valores, noções e práticas que permitem aos indivíduos orientar-se no contexto social e material, tornando inteligíveis as realidades física e social, integrando-se em um grupo ou em uma relação cotidiana de intercâmbios. Portanto podem ser também mais um suporte teórico na compressão deste fenômeno.

Além disso, trata-se também de uma experiência, tendo em vista que durante a realização do trabalho a pesquisadora encontrava-se em Portugal para execução de pesquisas de pós-doutorado e em um ano conviveu com os brasileiros residentes no país e com a mídia pesquisada. Winkin (1998) diz que quando o pesquisador se insere no universo pesquisado deve se familiarizar com o estranho, ao mesmo tempo em que deve tornar estranho o que é familiar, fazendo sempre questões a si mesmo sobre o que acontece. Toda pesquisa carrega em si o olhar do pesquisador porque ninguém pesquisa o que não conhece. Se assim fosse, não estaria apto sequer a formular as questões sobre as quais deseja conhecer as respostas.

O Brasil Pelos Brasileiros Que Moram em Portugal

Neste item serão apresentados os dados da pesquisa com 86 brasileiros residentes em Portugal, respondentes do questionário aplicado

via internet, além dos dados das entrevistas presenciais com dez brasileiros. O questionário completo encontra-se no final deste capítulo. Dos 86 indagados, oito estão abaixo de 26 anos, 37 entre 26 a 40 anos, 39 entre 41 e 65 anos e somente dois acima de 65 anos. Quanto ao sexo, 17 homens e 69 mulheres participaram da pesquisa, sendo que 22 são casados com brasileiros, 28 casados com estrangeiros, 15 solteiros, 18 divorciados e três viúvos. Do total, 28 pessoas não possuem filhos e os demais possuem de um a quatro filhos. Quanto ao nível de escolaridade, nove pessoas possuem o ensino básico, 11 o ensino médio, 38 o ensino superior e 28 são pós-graduados.

A grande maioria (61) afirmou ter uma renda mensal entre 1.001 e 2.000 Euros; 20 recebem menos de 1000 Euros por mês e somente cinco afirmaram ganhar entre 2001 e 3 mil Euros mensais. Sobre o tempo de residência em Portugal, 23 pessoas declararam residir há menos de 5 anos e por isso seus dados não foram utilizados na análise desta pesquisa, 40 pessoas moram em Portugal de cinco a 10 anos, 27 pessoas entre 10 e 20 anos e 19 pessoas há mais de 20 anos.

Na pergunta sobre “como você recebe notícias do Brasil?” as respostas são múltiplas, ou seja, a mesma pessoa recebe informações a partir de mais de uma fonte. Sessenta e quatro respondentes dizem utilizar a Internet; 79 a televisão; 12 a mídia impressa como jornais e revistas; 47 recebem informações por amigos e familiares que residem no Brasil e 34 por outros brasileiros que moram em Portugal. Especificamente sobre as notícias veiculadas pela televisão, 71 assistem a Rede Globo de Televisão, 64 a Rede Record de Televisão e somente oito o SBT.

Com relação aos gêneros, 65 acompanham as novelas, 72 os noticiários nos telejornais e programas informativos e 23 os programas de entretenimento. Apesar da telenovela também se enquadrar na categoria de entretenimento dentro dos gêneros televisivos, a pergunta separava este gênero do grupo de entretenimento por ser a telenovela o programa de maior impacto nos canais brasileiros de televisão internacional, sendo forte referência do Brasil para os brasileiros que assistem televisão. A pergunta também deixava um espaço aberto para outros programas preferidos pelos brasileiros e 28 pessoas afirmaram acompanhar programas religiosos pela TV.

Questionados sobre como acham que a imagem do Brasil é passada para os brasileiros que moram em Portugal e para os portugueses, e se acreditam que são programas que valorizam ou que denigrem a

imagem do Brasil, nove pessoas afirmaram que a televisão mostra o país melhor do que ele é, valorizando a imagem do Brasil, porque as novelas são quase sempre produzidas no Rio de Janeiro, uma cidade que muitos portugueses gostariam de conhecer e também em São Paulo, uma cidade muito desenvolvida. Para eles as telenovelas contribuem para a construção de uma representação positiva do Brasil e dos brasileiros. A grande maioria, 70 respondentes, acredita que as imagens retratam um país pior do que ele é, porque ao mostrarem cenas negativas, o que há de bom não tem espaço e como isso não é destacado fica a impressão de que tudo no Brasil é muito ruim, para eles a televisão denigre a imagem do Brasil ao mostrar cenas de violência, assaltos e problemas sociais. Para sete pessoas as imagens mostram exatamente a situação que o Brasil se encontra hoje, tendo em vista que para esses respondentes, ao revelar os problemas, a TV apresenta as imagens reais de como os brasileiros estão vivendo. Para eles, o Brasil está muito ruim e a televisão não inventa nada, somente apresenta o país como ele é.

Sobre os itens que preocupam os brasileiros que residem em Portugal, os 86 respondentes apontaram segurança. Curiosamente, as matérias veiculadas pela Rede Record de Televisão sempre destacam a falta de segurança no Brasil, com reportagens sobre assaltos em congestionamentos de carros nas principais avenidas do Rio de Janeiro e São Paulo, assaltos a residências em diversas localidades do País, roubos de medicamentos em hospitais públicos, assaltos a comércio, roubos de carros, furtos de objetos de transeuntes, enfim, são diversas abordagens de crimes de toda ordem que intensificam a preocupação dos brasileiros que veem o Brasil pelas telas da televisão e também pela Internet. Em seguida, como itens de preocupação, aparecem 75 pessoas que apontam a saúde pública, 63 destacam a educação, 17 o alto custo de vida e 14 apontaram o transporte público.

Os participantes também foram questionados sobre ter ou não vontade de voltar a morar no Brasil. Dos 86, 17 disseram que sim e 69 disseram que não. Há aqueles que não querem voltar, mas sentem saudades do que existe no Brasil e demonstram uma nostalgia dos tempos que viviam no Brasil, mas preferem estar na Europa, é um conflito entre razão e emoção. Entre as justificativas das respostas, podemos destacar:

- “Sim, Porque é meu país, sempre vou amar o Brasil”;
- “Sim. Porque não há emprego em Portugal e, além disso, há muito preconceito contra os brasileiros”;

- “Sim. As mudanças são visíveis, mas tomam seu tempo. Não há como se comparar a situação do Brasil, que tem um contexto tão específico, com outros do dito ‘primeiro mundo’. Em meio ao muito que se está construindo, acredito que não há outro lugar que me dê mais e melhores oportunidades”;

- “Sim, porque é o país onde vive minha família e é muito difícil viver sem família”.

- “Por vezes sim, e por algumas vezes não. Por achar Portugal mais seguro que o Brasil, Por achar que as condições de vida e organização em Portugal, mesmo em crise econômica são melhores que no Brasil. Mas prefiro o clima tropical brasileiro, a qualidade e acessibilidade... Tenho saudades até das frutas”;

- “Não. Apesar da saudade, a qualidade de vida, tranquilidade que tenho aqui me convence a permanecer. Às vezes dá vontade de ir embora, porque nós brasileiras somos mal vistas em determinados lugares e por algumas pessoas, mas esse é o único motivo pelo qual eu às vezes penso em voltar”.

- “Não. Não me sinto segura quando estou no Rio de Janeiro ou em São Paulo. Só voltaria se as condições de segurança tivessem uma melhoria significativa. Há sempre uma sensação de que algum crime acontecerá na sua frente ou até com você. Morro de medo de andar pelas ruas”;

- “Não. Pela qualidade de vida que se tem aqui, era-me impossível ter no Brasil”;

- “Não. Pelos problemas apresentados na pergunta anterior (saúde, educação, transporte, lazer e segurança). Aqui tenho isso do governo e não tenho no Brasil. Não posso pagar pela qualidade desses serviços no Brasil então aqui é como se eu tivesse um segundo salário com esses benefícios”;

- “Claro que não... mas só mesmo se estivesse louco trocaria a qualidade de vida que tenho em Portugal pelo país caótico que se transformou o Brasil”.

Questionados sobre o sentimento de terem saído do Brasil para morar em Portugal, as respostas versam em necessidade, curiosidade, oportunidade, privilégio, alívio, saudades. Textualmente os respondentes afirmam que:

- “Foi um sentimento de necessidade de conhecer novas pessoas, viver uma nova cultura, crescer profissionalmente! Mas, mesmo não

querendo voltar a morar no Brasil, o meu peito arde de saudades da minha família, da minha cultura, da minha terra! O povo brasileiro é um povo feliz apesar de todos os problemas, os portugueses são um pouco preconceituosos, a mulher brasileira aqui se não estiver casada, com alguém da família ou amigos por perto, enlouquece. Eu quase enlouqueci!”;

- “Em princípio fiquei bastante relutante em permanecer em Portugal, mas acabei acatando a ideia por ter uma filha adolescente e avaliar que para ela cursar universidade aqui é melhor. Sinto falta da família, do calor humano dos brasileiros, mas como tenho meu núcleo familiar principal aqui (marido e filha) acabei me acostumando e hoje vivo muito feliz”;

- “Sinto falta do ambiente familiar, dos amigos, da culinária e do clima, isso me traz um saudosismo. Mas sinto-me feliz pelas condições e qualidade de vida que tenho em Portugal”;

- “Foi muito bom, profissionalmente, ter vindo para Portugal. Vim em missão de estudos de doutorado e aqui acabei ficando porque me adaptei ao país e aos portugueses”;

- “Em primeiro lugar senti alívio pela segurança que encontrei em Portugal. Depois de 25 anos vivendo fora do Brasil, o sentimento é de tristeza e decepção com o meu país, pois, a cada ano que passa, as condições no Brasil estão piores. A saudade, de uma terra que será sempre minha pátria, essa não terá fim, mas a vontade de voltar não existe”;

- “Minha sensação é de liberdade, segurança e conquista. Acho que sou uma pessoa privilegiada por poder morar em Portugal”;

- “Minha sensação é de tristeza por estar longe da família, mais de alegria por dar uma vida mais tranquila aos meus filhos. É neles que hoje penso e não quero que eles sejam criados na insegurança do Brasil. Lá tive pessoas da família assaltadas, amigos que perderam a vida em crimes ou no trânsito e não quero mais viver essa realidade”;

- “Sou muito satisfeita com Lisboa, onde resido atualmente. Apesar da saudade, não tenho pressa em voltar, quero aproveitar a experiência que tem se mostrado completamente positiva. A princípio queria ficar por cinco anos, mas já estou aqui há oito anos e vou ficando até que o Brasil melhore as condições de saúde e segurança que para mim são fundamentais”;

- “Sinto-me privilegiado e feliz”;

- “Um alívio, um grande alívio por poder ver os problemas do Brasil pela televisão e não pessoalmente”.

Ao responderem essa pergunta alguns brasileiros sentem Banzo¹⁰, mesmo aqueles que se declaram realizados em estar em Portugal, lamentam a situação do Brasil e preferiam que o país estivesse em melhores condições.

Uma Visão da Realidade Pelo Olhar do Outro

Quando pensamos em mídia podemos imaginar o significado da palavra realidade. Mesmo não sendo um sentido oposto de ficção, a realidade midiática é um simulacro, um recorte, um extrato social com base nos valores e critérios de importância de quem produz. Ao realizarmos entrevistas sobre a visão da mídia esse processo ganha ainda mais profundidade. A realidade do receptor é o simulacro midiático ressignificado pela interpretação pessoal, carregada de simbologias existenciais que fazem com que uma mesma informação adquira significados distintos em cada um.

Pensando na imagem do Brasil pelos brasileiros que moram em Portugal, foram realizadas entrevistas com cinco homens e cinco mulheres que moram em terras lusitanas há mais de cinco anos. As entrevistas foram transcritas na primeira pessoa, para que o leitor pudesse estar mais próximo do sentimento de cada participante da investigação e do próprio vocabulário utilizado pelo respondente. Aqui as pessoas foram convidadas a pensar sobre as suas próprias construções identitárias, utilizando-se de uma retórica discursiva para defender os seus pontos de vista. Abaixo são apresentados os extratos mais significativos das entrevistas.

1) Homem, 54 anos, sócio de Bar/ Cafeteria.

Sou de São Paulo e estou aqui desde 1992. Gostava muito do Brasil, tinha emprego e estudava, mas um dia meu pai sugeriu que eu fizesse uma viagem para o exterior e eu vim para Itália e depois para Portugal. Gostei muito mais de Portugal. A princípio queria ficar três meses, mas naquela época o emprego estava fácil e cheguei a trabalhar

¹⁰ **Banzo** significa um **sentimento de nostalgia** que os negros da África têm, quando estão ausentes do seu país, é um termo de origem africana. Banzo significa estar triste, pensativo, atônito. O termo banzo era usado pelos africanos, na época da escravidão no Brasil, quando eles queriam dizer que estavam com saudades de sua terra natal, que estavam muito tristes, diziam estar banzos. O termo foi incorporado ao vocabulário coloquial brasileiro.

em dois lugares ao mesmo tempo. Fui ficando de forma ilegal. Acabei constituindo família aqui. Casei-me com uma portuguesa e hoje tenho dois filhos. Gosto de Lisboa porque não é uma cidade cara em relação às outras cidades da Europa. A qualidade de vida é muito boa e acho que aqui hoje se vive melhor que no Brasil porque lá o custo de vida está altíssimo. Só tenho saudades de amigos e familiares. Com relação à televisão, acho que algumas coisas não refletem a realidade. As matérias que são mostradas na TV são sempre de um país de muita violência. É feio ver o Brasil pela TV, as ruas são sujas, depredadas, pixadas, cheio de terrenos abandonados e com mato ou lixo. As imagens dos noticiários são totalmente diferentes das publicidades sobre o Brasil que mostram cidades bonitas, praias e mulheres lindas, mas quando assisto o noticiário vejo o Brasil pior do que muitos países da África.

2) Homem, 42 anos, taxista.

Estou aqui desde 1991. Cheguei no inverno e foi muito difícil me acostumar com o frio. Sou nordestino e as baixas temperaturas não me agradaram, por isso fui para o Algarve, procurar um lugar mais quente e gostei muito. Vivi lá por 10 anos, e todo começo é difícil, cheguei a morar em casas muito simples, sem energia elétrica, por exemplo, mas logo conheci minha ex-esposa (hoje sou divorciado). Ela é Portuguesa e temos um filho. Naquela época muitos brasileiros vinham para Portugal porque aqui os salários estavam melhores do que no Brasil. O Algarve é como o Brasil, me lembra muito a atmosfera brasileira, mas depois do divórcio vim para Lisboa, cidade que também gosto muito. Fiz amigos, e a única coisa que me dói o coração é ainda a saudade da família, do tempo que não pude estar com eles. Mas o clima, a segurança, a qualidade da saúde nos hospitais e postos de saúde públicos são muito bons e eu não posso reclamar. Hoje é bom ver essa mudança positiva na economia brasileira para ver se o Brasil de fato cresce. Quem mora fora percebe o quanto o Brasil precisa mudar ainda, em questões do que oferece à população. O governo daqui olha mais para a sociedade e para os problemas básicos como educação e saúde. Eu tenho muitas críticas ao que vejo na televisão daqui, principalmente a TV Record que mostra um Brasil muito violento. Eu sei da violência lá, mas aqui, quem assiste a TV Record acha que viramos um país onde se faz justiça com as próprias mãos. Para mim a TV mostra um país pior do que ele é.

3) Mulher, 26 anos, manicure.

Cheguei aqui em 2007 e o que mais vejo é uma realidade de brasileiros voltando para o Brasil do que vindo para Portugal. Eu tinha amigos no Brasil que falavam da qualidade de vida e da oportunidade de Portugal, mas na verdade estavam falando de uma realidade da década passada. Aqui mesmo no salão que trabalho eram três manicures, mas agora fiquei sozinha. Hoje Portugal está em crise e isso se vê em todos os lugares. Eu não tenho muito estudo, só fiz até a sétima série do primeiro grau e sou manicure. Aqui vivo com o meu salário e do meu marido que trabalha com o pai em uma quinta¹¹. Nunca pude voltar ao Brasil porque não tenho dinheiro para isso. Mas aqui vivo bem, tenho uma filha que estuda em uma boa escola pública, melhor que as escolas públicas do Brasil e fico satisfeita por ela poder estudar. Aqui para quem tem emprego é muito bom, mas para quem não tem emprego é muito difícil. Eu só vejo falar de violência no Brasil e a Record só mostra mesmo desgraça. A gente vê televisão e não tem vontade de voltar a morar no Brasil. Depois também dá muita tristeza em ver a quantidade de amigas brasileiras que foram embora por falta de emprego e mandam notícias dizendo que gostariam de voltar para Portugal. Eu acho que a televisão mostra o Brasil pior do que ele é com muita violência. O brasileiro não é um povo assim tão violento. Por isso gosto mais de ver as novelas do que os noticiários.

4) Mulher, 32 anos, desempregada.

Cheguei em 2007 em Lisboa e foi como um sonho. O lugar é lindo, e me senti muito bem vinda em Portugal. Sou de Minas Gerais e de lá muitos amigos já tinham falado muito bem daqui. Concluí o segundo grau no Brasil e a minha esperança era ter feito uma faculdade aqui, mas não consegui. O emprego que arrumei em uma cafeteria tinha horários que não me permitiram estudar, mas não me importei muito com isso. Aqui conheci um brasileiro e moramos juntos por quatro anos e temos uma filha. Hoje sou divorciada e desempregada desde o final de 2013. Sobrevivo com alguma coisa que sobrou, mais o que o pai da minha filha e alguns amigos ajudam, mas estou mesmo juntando dinheiro

¹¹ Quinta é como os portugueses denominam uma propriedade rural, normalmente com uma habitação. É murado ou cercado, possui horta e árvores de frutos, como as propriedades vinícolas. Também há Quintas localizadas em áreas urbanas de Portugal.

para voltar para o Brasil porque aqui sem emprego não dá para viver. Tenho pena de voltar e queria ficar porque aqui a escola de minha filha é muito boa e não preciso pagar convênio médico para ter saúde para mim e para a minha filha. Tudo que vejo na televisão e tudo que meus amigos contam do Brasil pelo *facebook* me faz ter vontade de ficar aqui. Eu só gosto muito do Brasil quando vejo as novelas e sinto saudades do meu País, das pessoas descontraídas, da língua, enfim, as novelas me deixam com saudades, mas o jornal me dá medo. Muita violência e crimes. Eu vejo a Rede Globo que é melhor do que ver a Record. Na Record eles mostram muitos crimes e só desgraça como se o Brasil fosse um país em guerra. As matérias que vejo parecem com as matérias sobre esses países de guerra, na Arábia, né? Outro dia vi um bandido e achei que era árabe, mas depois disse que era no Brasil e até dei risada.

5) Homem, 52 anos, guia de turismo.

Cheguei em Lisboa em 1995 pela primeira vez e aqui fiquei por três anos, mas depois voltei para o Brasil e passei lá 10 anos. Fui assaltado três vezes até que disse que não queria mais viver nesse clima de violência e falta de segurança do Brasil. A televisão Portuguesa mostra imagens do Brasil de forma muito eclética, muitas cenas de violência, mas também uma amplitude de conceitos. As notícias negativas ganham destaque nos programas portugueses, especialmente os problemas relacionados à segurança e violência. As notícias positivas que vem do Brasil são majoritariamente relacionadas ao turismo. Os pontos turísticos do Brasil são sempre destacados positivamente, mas é só. Não há nada de positivo no tocante a outros assuntos como educação, saúde, segurança. Nada positivo do Brasil ultrapassa o assunto turismo. Nas emissoras Brasileiras, Record e TV Globo são exibidos programas como no Brasil, as telenovelas e jornalismo. Para mim a TV mostra um país pior do que ele é, mas é como no Brasil que lá também a televisão mostra um Brasil pior do que ele é. Isso não acontece só aqui. A mídia tem interesse que o caos seja mostrado no Brasil porque isso é uma forma de crítica ao governo também. A mídia é contra o governo e por isso mostra um país muito pior do que ele é de fato e isso ocorre aqui em Portugal também.

6) Mulher, 38 anos, estudante de doutorado em comunicação.

Estou aqui desde os 21 anos de idade, quando terminei a faculdade de comunicação no Rio de Janeiro e vim para Lisboa morar com

meus avós. Depois disso fui três vezes ao Brasil para visitar meus pais, mas desde 2005 eles também se mudaram para cá. Eu cheguei numa época boa e meus pais também. Na verdade essa crise financeira acontece desde 2011 quando entrou a Troika¹² em Portugal e tudo tem ficado mais difícil em termos de economia, mas não pensamos em voltar para o Brasil. Aqui temos saúde e educação de qualidade. Meu irmão mais novo estuda em escola pública o equivalente ao ensino médio no Brasil e aqui o ensino é muito melhor, além de ensinarem línguas nas escolas. Não precisamos pagar por saúde privada, podemos utilizar transporte público, enfim, aquilo que dependemos de benefícios do governo ainda se tem aqui e isso é muito diferente do Brasil. Sou publicitária e o que analiso é uma imagem do Brasil apresentada pela mídia. Há uma nítida diferença entre a publicidade do Brasil e o jornalismo do Brasil. Em termos de publicidade apresenta-se um país lindo como destino turístico, mas o jornalismo mostra um país inseguro, violento, sujo e sem estrutura. Há uma discrepância na imagem que chega a Portugal pela mídia. Meus amigos portugueses sentem vontade de conhecer o Brasil. Isso é curioso, porque as imagens de turismo são mais fortes do que as imagens de violência para os meus amigos portugueses.

7) Homem, 39 anos, músico, artista de rua em Lisboa.

Trabalho basicamente para turistas. São eles que pagam pelas apresentações que faço nas ruas de Lisboa desde o ano 2000. Já vivi na Inglaterra, mas lá o custo de vida é mais alto e o que ganho nas ruas dá para viver melhor em Portugal. Sinto a crise, como qualquer pessoa aqui, vendo muitas lojas e comércio em geral sendo fechadas, mas o turismo tem crescido. Nessa área não vejo crise e Lisboa tem

¹² *Troika* ou troica (em russo: троїка), segundo o site **Economias** de Portugal é a designação atribuída à equipe composta pelo Fundo Monetário Internacional, Banco Central Europeu e Comissão Europeia. Tem origem na palavra russa troika, que designa um comitê de três membros. A troika é composta por uma equipe de consultores, analistas e economistas responsáveis pela negociação com os países que solicitam um pedido de resgate financeiro, de forma a consolidar as suas contas públicas. Esta equipe desloca-se aos países e analisa exaustivamente as despesas e receitas dos estados durante algumas semanas, contando com a colaboração dos vários organismos do estado e dos partidos da oposição, assim como das ordens profissionais e associações de apoio ao consumidor. Após a análise da troika é elaborado um memorando, onde são apresentadas medidas a executar para estabilizar as contas públicas, os prazos e os montantes de dinheiro que serão entregues ao país. Grécia, Irlanda e Portugal são os três países europeus que solicitaram o resgate financeiro no século XXI. Portugal solicitou o resgate em Abril de 2011.

o privilégio de receber turistas o ano todo. Aqui não existem turistas somente no verão, mas sim em qualquer época do ano. Chegam muitos cruzeiros no porto de Lisboa, além de turistas da própria Europa e milhares de brasileiros. Não há um dia que não converso com brasileiros nas ruas. Por enquanto quero ficar aqui. As matérias de televisão que vejo do Brasil são muito realistas porque o país tá mesmo perdido, sem governo. O problema do Brasil é a política e como isso não se resolve nada funciona, nem saúde, nem educação, transporte e principalmente a corrupção. O país é muito corrupto e é isso que mais me chama atenção. Mas não acho que a culpa seja da imprensa. A culpa é do Brasil que gera esse tipo de notícias negativas sobre ele. Veja por exemplo o trânsito. Tenho pessoas da família que já foram assaltadas enquanto estavam no semáforo e outras que já presenciaram brigas de trânsito e isso sem contar o tempo que se gasta para ir de um lado para outro por conta dos engarrafamentos. O trânsito lá é mesmo terrível. Aqui não é assim, porque o transporte público é de qualidade e nem todos precisam usar automóveis.

8) Mulher, 46 anos, esteticista.

Ceguei a Cidade do Porto em 1994, com 26 anos de idade e já trabalhando na área de estética no Brasil. Aqui em Portugal isso sempre deu certo e não posso reclamar. Nunca pude voltar ao Brasil, mas recebi muitos parentes aqui para me visitarem e conhecer Portugal. Comecei trabalhando na minha casa e também atendendo em domicílio. Aqui tive um filho que hoje está com nove anos de idade. Tenho tudo que preciso, muitos amigos brasileiros e uma vida boa. Vim para Lisboa em 2004 porque aqui a economia é ainda melhor que no Porto e isso fez muita diferença principalmente agora, com a crise. Até o ano passado pude trabalhar somente por conta própria, mas agora as coisas não estão boas. Muitas clientes não contratam mais os serviços, sabe como é... em época de crise a estética não é mais prioridade e assim perdi muitas clientes. Faz seis meses estou tentando trabalhar também em clínicas de estética, pelo menos para ter algum salário fixo, mas é difícil. Consigo alguns trabalhos temporários. Arranja-se algum trabalho no verão, na praia, mas é temporário. Mas assim vou me virando. Hoje vivo somente com meu filho. A minha sorte é não ter que pagar por escola, nem saúde. Isso ajuda demais, ele frequenta uma escola em tempo integral e inclusive faz as refeições na escola também. Eu não quero voltar para

o Brasil. Com a mesma profissão, o mesmo dinheiro certamente teria uma vida bem pior no Brasil. A saudade existe, mas a gente supera. Para mim a televisão mostra o Brasil exatamente como ele é, muito problemático, com muita corrupção e desvio do dinheiro público. Se o dinheiro fosse gasto com o que é necessário o país estaria bem melhor e teria menos violência. As pessoas roubam para ficar iguais aos ricos já que existem tantos ricos no Brasil hoje. A televisão mostra as coisas de uma forma feita para a televisão, mas não acho que nada lá seja mentira. No Brasil está difícil de viver e a TV apresenta muito bem isso.

9) Mulher, 29 anos, atendente em uma cafeteria.

Cheguei aqui em 2005 para morar com minha irmã e meu cunhado que já estavam em Portugal desde 2000. A princípio vim para cuidar de meu sobrinho que nasceria em 2006 e minha irmã precisava de alguém para ficar com ele, mas depois ele ficou grandinho e já foi para escola em período integral e eu pude trabalhar fora. Sempre trabalhei de balconista em cafeterias e padarias. Foi fácil arrumar o emprego, mas fiquei muito preocupada depois da crise porque vejo muita gente perdendo emprego e tendo que voltar para o Brasil ou para seus países. Tem muita gente de fora aqui em Portugal. Não voltei para o Brasil ainda, mas quero ir para lá sim, mas para passear. Estou gostando de morar em Portugal. A cidade de Lisboa é muito bonita, as pessoas são educadas, aqui sinto que sou bem tratada e não sou discriminada porque trabalho como balconista. No Brasil isso é profissão desqualificada, mas aqui não, todo trabalho tem o seu valor. Eu assisto televisão todos os dias e gosto de ver as novelas brasileiras. Também vejo as notícias pelos telejornais tanto do Brasil como aqui de Portugal. Nos programas portugueses sempre que mostra alguma coisa do Brasil é voltado para catástrofes e tragédias, mas também se fala do carnaval e agora só se fala em política. Outro dia fiquei com vergonha porque mostravam as notícias das eleições e o que diziam fazia vergonha aos brasileiros, mostrando os tipos de candidatos que estavam concorrendo, desde o Tiririca até um que se chamava Barack Obama. A notícia era em tom de sátira e tentava dizer que os brasileiros não levam a política a sério. Pelo menos foi assim que eu entendi. Eu acho que a televisão brasileira aqui também exagera, principalmente a Record que é só problema, só desgraça. Mostra somente coisas muito negativas do Brasil, mas eu sei que lá não é assim, temos de tudo. Aqui também existem problemas,

como em qualquer lugar, mas a forma como a televisão mostra dá medo de ir ao Brasil. Eu, se não fosse brasileira e visse essas imagens não ia querer ir nunca para o Brasil, parece que você vai ser assaltada ou levar um tiro assim que chegar lá.

10) Homem, 28 anos, professor de educação física.

Vim para Lisboa com meus pais quando eu tinha oito anos de idade. Aqui cresci e estudei, sempre moramos em Lisboa. Meu pai é da área de pesca, mas eu preferi outra profissão. Sempre gostei do mar e de surfar, por isso acabei estudando Educação Física. Consegui dar aulas nas escolas primárias e gosto de trabalhar com as crianças nas escolas públicas. O salário não é tão bom, mas vive-se bem. Eu moro com meus pais e não preciso pagar moradia por isso fica mais fácil. Fui ao Brasil três vezes com meus pais para visitarmos os parentes. Mas desde 2009 não vamos. Minha mãe foi no ano passado, mas eu e meu pai tivemos que ficar aqui. Eu gosto do Brasil e voltaria a morar lá, mas me sinto hoje mais português do que brasileiro. Eu assisto televisão, mas não com muita frequência. Gosto da Rede Globo, mas não gosto da TV Record. Em minha opinião a televisão mostra somente verdades. Não acredito que nada ali seja inventado, o Brasil está mesmo muito violento, mas o curioso é que eles procuram somente as coisas negativas para mostrar. Pela manhã mostram sempre o que de pior aconteceu na madrugada, mas eu fico aqui pensando que é claro, em um país tão grande, sempre poderão mostrar problemas que aconteceram na madrugada porque em todas as madrugadas existem problemas, mas será que é isso que deveria ser mostrado na TV, para estrangeiros? Eu acho que não, deveriam mostrar um lado positivo do Brasil, porque isso também existe e tudo neste mundo tem um lado positivo e um lado negativo. Eu quando vejo o Brasil pela televisão penso que se parece com um país em guerra. Eu ligo a televisão e já digo para mim mesmo... vamos lá ver quantos morreram no Brasil hoje. Eu acho que o Brasil é um lugar de muita corrupção onde as pessoas são muito desonestas.

Entre a Imagem Real e a Produção Ficcional

Não há diferença significativa entre as ideias de pessoas do sexo masculino ou feminino, tampouco com relação às idades dos respondentes, para o universo de entrevistados o sentimento é muito similar. Os brasileiros conseguem interpretar as diferenças entre publicidade,

telenovelas e jornalismo, destacando que as informações publicitárias apresentam um país lindo, cheio de belezas naturais, estrutura turística e tranquilidade, bem como as telenovelas que mostram casas maravilhosas, pessoas bem vestidas, carros e avenidas bonitas. Já as coberturas jornalísticas mostram um país desorganizado, imoral, com avenidas sujas, rios poluídos, pessoas mal vestidas, crimes de diversas ordens, corrupção e insegurança.

Para a maioria dos entrevistados, o Brasil não resolve os problemas básicos de uma sociedade desenvolvida e a televisão mostra imagens de congestionamentos, falta de transporte público, saúde precária, mortes em portas de hospitais, educação de baixa qualidade e escolas sem infraestrutura condizente com ensino de qualidade. Mas o que mais chama a atenção dos brasileiros que veem o Brasil pela televisão é a insegurança, os índices de criminalidade, a sensação de impunidade.

Verifica-se que o sentimento de querer ficar em um país em crise é maior do que o de querer voltar para um Brasil em crescimento. O descrédito apresentado por problemas básicos se sobrepõem às esperanças que surgem em um País que possui um índice de empregabilidade alto como o Brasil. Curiosamente as migrações geradas pela busca de empregos são reais para os brasileiros que moram em Portugal, mas não é por vontade e sim por necessidade. Os entrevistados que ainda persistem em Portugal, mesmo com o país em crise, tem medo de não se manterem no país e terem que voltar para o Brasil. Apesar de saudade e admiração a vontade não é de voltar. Se puderem e enquanto puderem ficar, ficarão em Portugal.

As imagens negativas apresentadas pela televisão sobre o Brasil causam um sentimento de insegurança e instabilidade nos brasileiros que residem em Portugal. A representação do Brasil é positiva nos programas ficcionais como as telenovelas, mas é negativa nos programas jornalísticos sobre os quais os brasileiros reportam a credibilidade de informação.

O Brasil desperta certo desencanto. O país da esperança e das oportunidades é também o país das contradições, da violência e da falta de serviços essenciais. Os brasileiros reconhecem um avanço na educação superior do Brasil e citam a quantidade de brasileiros que estão estudando na Europa, em Portugal em especial, mas criticam a falta de investimentos na educação básica que, segundo eles, poderia transformar o país.

Ainda que a realidade social brasileira seja tema de análises mais profundas e discussões com abrangência alargada, o fato da mídia representativa brasileira em Portugal exibir um Brasil contraditório, onde imagens de festas, alegrias e belas paisagens se mesclam com violência urbana, corrupção política, educação precária e saúde débil, demonstra que os brasileiros que vivem em terras lusitanas estão muito mais à mercê da vontade do que querem postar estes meios de comunicação do que da própria realidade existente no Brasil. Entre a imagem real e a produção ficcional, a realidade se sobrepõe à poesia e mesmo o simulacro negativo é mais real do que a realidade ocultada.

Apêndice A - Questionário

Caro Brasileiro.

Agradeço por poder participar desta pesquisa. Trata-se de um projeto acadêmico, onde serão preservados quaisquer tipos de identificação do respondente. Sou professora universitária no Brasil, morando em Portugal e esses dados serão usados para um trabalho da Universidade Federal de Goiás. Abaixo encontram-se algumas perguntas e uma relação de respostas. Em cada item você poderá marcar uma ou mais opções, caso julgue necessário. Além disso, por favor, nas questões que forem solicitadas, além de marcar o (X), coloque também um texto ou uma frase como resposta.

Caso queira conversar comigo, o meu e-mail é: simonetuzzopt@hotmail.com

Qual a sua idade?

- Até 25 anos
- 26 a 40 anos
- 41 a 65 anos
- Mais de 65 anos

Sexo?

- Masculino
- Feminino

Qual seu estado civil?

- Casado oficialmente ou não com companheiro (a) Brasileiro (a)
- Casado oficialmente ou não com companheiro (a) Estrangeiro (a)

- Solteiro
- Divorciado
- Viúvo

Você tem filhos?

- Sim. Quantos anos os seus filhos têm? _____
- Não tenho filhos.

Qual o seu nível de escolaridade?

- 1º ao 9º ano
- 10º ao 12º ano
- Ensino Superior – Faculdade – Licenciatura
- Pós-Graduado

Qual a sua renda mensal?

- Até 1.000 Euros por mês
- De 1.001 a 2.000 Euros por mês
- De 2.001 a 3.000 Euros por mês
- Mais de 3.000 Euros por mês

Há quanto tempo reside em Portugal?

- Menos de cinco anos
- De cinco anos e um dia a dez anos
- De 10 anos e um dia a 20 anos
- Mais de 20 anos

Como você recebe notícias do Brasil?

- Pela Internet
- Pela Televisão
- Por mídia impressa como jornais e revistas
- Por amigos e familiares que residem no Brasil
- Por outros brasileiros que moram em Portugal

Especificamente sobre as notícias veiculadas pela televisão, quais canais brasileiros você assiste?

- Rede Globo de Televisão
- Rede Record de Televisão
- Outros. Quais? _____

Quais programas você mais assiste nesses canais?

- Novela
- Programas informativos (telejornal, entrevistas ou documentários)
- Programas de entretenimento
- Outros. Quais? _____

Assistindo os programas acima, como você acha que a imagem do Brasil é passada para os brasileiros que moram em Portugal e para os portugueses? Você acredita que são programas que valorizam ou que denigrem a imagem do Brasil?

- Imagens que valorizam o País, ou seja, mostra o Brasil melhor do que ele é. Porque _____
- Imagens que mostram um País pior do que ele é. Porque _____
- Imagens que mostram exatamente o Brasil como ele é. Porque _____

Quais fatores lhe preocupam mais no Brasil hoje?

- Saúde pública
- Segurança
- Custo de Vida
- Transporte público
- Educação (Escolas)
- Moradia
- Outro: _____

Você tem vontade de voltar a morar no Brasil?

- Sim, Porque _____
- Não, Porque _____

Escreva abaixo o seu sentimento por ter saído do Brasil para morar em Portugal.

Bibliografia

ALMEIDA, Marina. Desemprego é um dos maiores problemas da UE. Jornal Diário de Notícias – Economia de 06 de setembro de 2014. Disponível em: http://www.dn.pt/inicio/economia/interior.aspx?content_id=4111313. Acesso em: 17 de set. 2014.

BARRETO, Renan Paes. **O diálogo entre o Estado e o emigrante: a experiência brasileira**. In: PADILLA, Beatriz; XAVIER, Maria (orgs.). Revista Migrações- Revista do Observatório da Imigração. Número Temático: **Migrações entre Portugal e América Latina**, Outubro 2009, n.º 5, Lisboa: ACIDI, p. 263-267. Disponível em: <http://www.oi.acidi.gov.pt/>. Acesso em: 24 de set. 2014.

BRAGA, Claudomilson Fernandes; CAMPOS, Pedro Humberto F. **Representações Sociais, Comunicação e Conflito: O caso da reserva indígena raposa serra do sol (2005 - 2009)**. Curitiba: Appris, 2011.

CARNEIRO, Roberto. **Editorial**. In: PADILLA, Beatriz; XAVIER, Maria (orgs.), Revista Migrações - Número Temático: Migrações entre Portugal e América Latina, Outubro 2009, n.º 5, Lisboa: ACIDI.

FONTANA, Andrea; FREY, James. **Interviewing: The Art of Science**. In: Norman K. Denzin e Y.S. Lincoln (eds.). Hand book of Qualitative Research. Thousand Oaks: CA, Sage, 1994, p. 361-376.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GÓIS, Pedro Manuel R. S. M. **A construção secular de uma identidade étnica transnacional: a cabo-verdianidade**. Tese de Doutorado em Sociologia apresentada à Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. 2011. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/17848/1/tese%20vers%C3%A3o%20final.pdf>. Acesso em 17 de set. 2014.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

HALL, Stuart. **Representation: Cultural Representations and Signifying Practices**. London: Open University/Sage Publications, 1997.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICAS DE PORTUGAL. **Comunidade Brasileira é a maior comunidade estrangeira em Portugal – 2011**. Disponível em: http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=157606674&DESTAQUESmodo=2. Acesso em: 17 de set. 2014.

IRTS. **The International Recommendations for Tourism Statistics 2008** (IRTS 2008). Disponível em: <http://unstats.un.org/unsd/trade/IRTS/IRTS%202008%20unedited.pdf>. Acesso em: 24 de set. 2014.

JORNAL DESTAK. **Portugal é o segundo destino dos brasileiros**. Metro News. Edição nº 2336 de 23 de outubro de 2014. Lisboa. Disponível em: www.destak.pt. Acesso em 23 de out. 2014.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1986.

MALHOTRA, Naresh. **Pesquisa de Marketing**. 4. ed. São Paulo: McGraw Hill, 2006.

Relatórios Estatísticos Anuais. SEF – Serviço de Estrangeiros e Fronteira. **Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo – 2000 a 2013**. <http://sefstat.sef.pt/relatorios.aspx>. Acesso em: 20 de set. 2014.

Relatórios Estatísticos Anuais. SEF – Serviço de Estrangeiros e Fronteira. Disponível em <http://www.sef.pt/>. Acesso em: 20 de set. 2014.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

WALKER, Robert. **Applied qualitative research, Aldershot, Hants, England**. Brookfield, Vt., U.S.A. Gower. 1985.

WINKIN, Yves. **A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo**. Campinas, São Paulo: Papirus Editora, 1998.

SITE ECONOMIAS. Significado de Troika. Disponível em: <http://www.economias.pt/>. Acesso em 2 de out. 2014.